



Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Instituto de Filosofia, Artes e Cultura

Universidade Federal de Ouro Preto

ISSN: 2596-0229

**ENCANTANDO A LÍNGUA:
a poesia marginal como arma ante o apagamento e a invisibilidade**

ENCHANTING THE LANGUAGE:
marginal poetry as a weapon against erasure and invisibility

Natana Coelho

 <https://orcid.org/0009-0005-9416-4288>

 doi.org/10.70446/ephemera.v8i16.8115

Encantando a língua: a poesia marginal como arma ante o apagamento e a invisibilidade

Resumo: Este artigo investiga a experiência de jovens negros e/ou periféricos com a palavra-poesia, analisando suas possibilidades como instrumento de reexistência num contexto histórico de apagamento e invisibilização. O texto é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada em 2023 cujos objetivos iniciais buscaram compreender o envolvimento dessas juventudes com a poesia em interface com a manifestação da palavra no cotidiano escolar. Seu caráter é qualitativo e ela foi realizada em um sarau de poesias marginais que acontece em uma escola pública do Ensino Médio. Utilizou enquanto metodologias: a observação participante, a realização de grupo de discussão e entrevistas narrativas individuais. Os interlocutores da pesquisa foram cinco estudantes do ensino médio que também são poetas. Os resultados indicam que a palavra-poesia é vivenciada simbolicamente pelos jovens como uma “arma” de enfrentamento a problemas sociais como o racismo, a desigualdade e o apagamento. A produção das palavras-poesias, nesse sentido, se materializam como possibilidade de produção de vida, em contraste com a produção da morte imposta pela sociedade a diversos grupos vulneráveis a partir de uma disputa de narrativas e poder. Conclui-se que a poesia marginal, entoada por juventudes negras e periféricas, é uma prática que aponta para possibilidades de existências em ambientes hostis. Ela produz “letramentos de reexistência” (Souza, 2009), confrontando estígmata e reafirmando discursos autênticos. A produção da palavra-poética se configura como uma prática social que permite a inscrição desses jovens na sociedade, afirmando suas identidades e resistindo às lógicas discursivas hegemônicas.

Palavras-chave: poesia marginal; letramentos de reexistência; culturas juvenis.

Enchanting the language: marginal poetry as a weapon against erasure and invisibility

Abstract: This article investigates the experience of young black and/ or peripheral with the word-poetry,⁶ analyzing their possibilities as an instrument of reexistence in a historical context of erasure and invisibilization. The text is the result of a master's research carried out in 2023 whose initial objectives sought to understand about the involvement of these youth with poetry at the interface with the manifestation of the word in school life. Its character is qualitative and it was held in a sarau of marginal poetry that takes place in a public high school. Used as methodologies: participant observation, discussion group and individual narrative interviews. The interlocutors of the research were 5 high school students who are also poets. The results indicate that the word-poetry is experienced symbolically by young people as a “weapon” to face social problems such as racism, inequality and erasure. The production of words-poetry, in this sense materialize as a possibility of life production, in contrast with the production of death imposed by society to several socially vulnerable groups from a dispute of narratives and power. It is concluded that the marginal poetry, sung by black and peripheral youth, is a practice that points to possibilities of existence



in hostile environments. She produces “reexistence literacies” (Souza, 2009), confronting stigmas and reaffirming authentic discourses. The production of the poetic word is configured as a social practice that allows the registration of these young people in society, affirming their identities and resisting hegemonic discursive logics.

Keywords: marginal poetry; reexistence literacies; youth cultures.



1 Introdução

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre a palavra. A palavra e suas peripécias, seus jogos de poder, suas malícias e persuasões. A palavra viva, essa, que mora na boca do povo, especialmente da juventude negra e periférica. Palavra que se escuta nas ruas, nos becos, nas favelas, nos ônibus, nas escolas, nos quartos com suas portas fechadas, silenciosas, no escuro. Palavra que mora dentro, no íntimo, no breu da alma, na efervescência das emoções, palavra que mora fora, nas conversas, nas discussões, nos discursos e palanques. Palavras que se manifestam, nem sempre em palavras, que não se dizem só com palavras. A palavra viva, que é porta-voz dos nossos desejos, nossos medos, receios e pensamentos. E de nossas mentiras, omissões e atuações também. Palavra que se materializa no pensamento, no gesto, no corpo, na voz e até mesmo no silêncio. Mas não ficaremos em silêncio, trocaremos algumas palavras.

Compreende-se a palavra enquanto manifestação da expressão - escrita, leitura e oralidade -, localizada na dimensão do discurso e da comunicação. Palavra como elemento mediador das relações humanas, tanto a nível social e coletivo, quanto a nível íntimo e subjetivo. A palavra, portanto, foi o principal tema discutido e analisado pela pesquisa de mestrado (finalizada em 2024) que se desdobrou em várias reflexões, incluindo este artigo. Mas não abordamos aqui quaisquer palavras – os objetivos iniciais da pesquisa em questão buscaram compreender o envolvimento de juventudes periféricas (residentes de periferias e/ou bairros periféricos ao centro urbano) com a escrita e a performance poética (poesia falada) em interface com a manifestação da palavra (falada e/ou escrita) no cotidiano dos fazeres e práticas escolares. Nesse sentido, utilizaremos o termo palavra-poesia e/ou palavra-poética para discorrer sobre as narrativas dos jovens poetas interlocutores da pesquisa. A intenção, com essa denominação, é a de localizar as narrativas e relatos dos jovens na dimensão do discurso, evidenciando que tal discurso é intermediado pela condição de “ser poeta” que estes jovens vivenciam.

As pesquisas e estudos que amparam a discussão teórica (Gomes, 2002; Ramalho, 2019; Souza, 2009) deste artigo apontam que a palavra, a criação e a expressão, por intermédio da fala e da escrita, são aspectos importantes na constituição do Eu e na relação que as juventudes estabelecem com o mundo. Partindo dessa constatação, demonstrou-se relevante refletir sobre os fatores que influenciam e propiciam sua manifestação e, para isso, nos aproximamos de dois ambientes em que seu desenvolvimento é privilegiado: a escola e o sarau de poesias marginais¹. Além disso, o mesmo perfil de jovens que protagonizam, em sua maioria, os saraus de poesia marginal, também protagonizam índices alarmantes de desigualdades no censo escolar.

Do número total de jovens que evadiram ou nunca frequentaram o ensino médio, 71,6% são negros (pretos ou pardos) e 27,4% são brancos (IBGE, 2023, p. 10). A mesma pesquisa aponta que entre juventudes negras com faixa etária entre 18 e 24 anos, que conseguiram concluir o ensino

1 Os saraus de poesias marginais e a condição de “poetas marginais” serão abordados na próxima subseção.

médio até o ano de 2023, apenas 16,4% já frequentavam o ensino superior, enquanto 29,5% das juventudes brancas já estavam matriculadas em algum curso de graduação (IBGE, 2023, p. 9).

Os dados do Censo Escolar (IBGE, 2023) e as discussões teóricas aqui utilizadas apontam para uma experiência de marginalidade que muito interessa às análises apresentadas neste artigo: a experiência com a poesia marginal e a experiência escolar a partir de um lugar que é comumente marginalizado – o lugar das juventudes negras. Todas essas considerações levaram à definição do local de realização da pesquisa, um sarau de poesia marginal, o Sarau da Firmina, que é realizado na Escola Estadual Professora Maria Firmina dos Reis², localizada em um bairro periférico de uma cidade em Minas Gerais. Tanto a escola, quanto o sarau de poesias, possui um perfil de estudantes que vivenciam cotidianamente experiências que permeiam a marginalidade – são, em grande parte, estudantes negros e residentes de periferias e/ou bairros populares.

Falamos de uma condição de marginalidade no sentido de uma experiência periférica, ou seja: uma experiência que não é central, que está (ou é colocada) nas bordas, nas extremidades, à deriva. Aníbal Quijano ([s.d.]) define a marginalidade social como uma condição social produzida historicamente e que é imposta pela estrutura social, econômica e política desigual, vigentes no sistema capitalista e a serviço da colonialidade. Nessa perspectiva, as pessoas marginalizadas fazem parte do sistema, porém estão situadas em posições subordinadas e, por isso, em condição de maior vulnerabilidade social.

Essa condição é uma categoria de análise central desse artigo, pois nos conduz ao principal objetivo que orienta as análises que serão apresentadas ao longo do texto: refletir sobre a experiência de jovens negros e/ou periféricos com a palavra-poesia e suas possibilidades de serem incorporadas enquanto instrumentos de reexistência e letramento social em um contexto histórico e social de apagamento e invisibilização. A escola, nesse sentido, tanto é uma agência de letramento quanto pode ser de apagamento, como veremos mais à frente.

Partindo deste contexto, os jovens convidados a serem interlocutores da pesquisa foram cinco estudantes do ensino médio, que também são poetas marginais e vivenciam a experiência com a palavra no ambiente escolar a partir de diferentes perspectivas (seja nas salas de aula, seja nos saraus de poesia) – Anna, Arthur, Marquin, Vitin e Mathias. Todos são moradores de periferias e/ou bairros populares, três deles são negros (Arthur, Marquin e Vitin) e dois são brancos (Mathias e Anna). Na época da pesquisa, suas idades variavam entre 16 e 19 anos. Os nomes utilizados são seus nomes reais. A escolha pela utilização dos nomes verdadeiros, além de ser uma preferência dos/a próprios/a jovens, se ampara na valorização da autoria de seus trabalhos artísticos, considerando que suas narrativas serão apresentadas e analisadas ao longo do artigo.

2 Nome fictício. O nome original da escola é o nome de um professor. Para substituí-lo e preservar a identidade do local, foi escolhido o nome de uma professora que foi fundamental para a educação de pessoas negras e pobres do Brasil: Maria Firmina foi uma professora (a primeira professora negra do Maranhão, romancista e abolicionista, filha de uma mulher ex-escravizada e alforriada, e fundadora de uma das primeiras escolas públicas e mistas, isto é, atendendo a meninos e meninas do Brasil, localizada em seu estado no período anterior à abolição da escravidão).

Sobre a escolha dos jovens interlocutores da pesquisa a expectativa inicial foi que a maioria fossem negros, pois, conforme demonstra Nilma Gomes (2002), as trajetórias e as experiências escolares de jovens negros demonstram particularidades importantes e se relacionam com a estruturação de uma sociedade que carrega em seu histórico heranças da colonização e da escravização de pessoas como modelo de sistema econômico colonial (Ramalho, 2019).

A pesquisa de campo aconteceu durante um ano, entre os meses de abril de 2023 a março de 2024. Seu caráter foi qualitativo e os instrumentos metodológicos foram: a observação participante no sarau de poesias na escola, a realização de um grupo de discussão com jovens poetas e estudantes, e a realização de entrevistas narrativas individuais com enfoque biográfico. Além disso, anotações provenientes do diário de campo também foram utilizadas como elementos de análise e serão apresentadas neste artigo, assim como trechos de relatos decorrentes do grupo de discussão e das entrevistas individuais, por trazerem elementos de observação importantes para a construção das reflexões tecidas ao longo do texto.

Considero importante destacar também que, além de falar enquanto pesquisadora negra, falo também enquanto poeta marginal. Portanto, o campo de pesquisa foi um ambiente próximo da minha vivência no passado. Faço esse destaque pois ele dialoga com os próprios objetivos do artigo, que se propõe a debater sobre os processos de visibilidade e invisibilidade de narrativas de pessoas que estão à margem dos discursos e narrativas hegemônicas e que, por isso, podem ter suas vozes desconsideradas ou silenciadas em detrimento do discurso vigente. O compromisso com a escrita posicionada não é mero capricho ou vaidade intelectual. É um compromisso com toda uma cadeia de produção de conhecimentos e, portanto, com os discursos que são propagados pelas pesquisas científicas. Esse compromisso se alimenta pela perspectiva de que contestar a lógica colonial de produção de conhecimentos, lançando luz a outras formas de falar, discursar e fazer ciência, é democratizar todo o campo do conhecimento científico e estremecer a lógica hegemônica do poder de fala.

Neste trabalho, pretendemos abordar, portanto, a palavra que circula na boca das juventudes, especificamente de jovens poetas periféricos e estudantes do Ensino Médio da rede pública de um município de Minas Gerais. Jovens que, a partir das palavras, puderam encontrar-se consigo. Jovens que se envolveram com a palavra num ambiente em que ela costuma se fazer muito presente – nas escolas - e que puderam, nesse processo, atribuir novos significados e sentidos para ela, sendo um deles, o ato de fazer poesia. A pesquisa se interessou em saber mais sobre esse encontro, o encontro das juventudes com a palavra poética. Falamos em encontro porque podemos assumir que esses jovens, desde muito pequenos, já conheciam a palavra. Mas foi dentro da escola que puderam vivenciá-la de uma forma que nem sempre é experimentada por todos jovens nas escolas. A palavra poética escrita que ousou se transformar em palavra poética falada, anunciada, recitada e até performada. A produção da palavra é o principal elemento de análise deste texto e, por isso, as narrativas dos jovens serão trabalhadas no artigo como narrativas reflexivas em entrelaçamento com autores do campo de estudos das relações entre juventude e escola.



Na próxima subseção será apresentado o movimento de poesia marginal, denominado Sarau Marginal, que é uma manifestação artística contemporânea que ocupa um lugar importante nas análises deste artigo. O Sarau Marginal é um local em que jovens puderam se encontrar e encontrar um ambiente para a manifestação de suas produções artísticas, que muitas vezes eram mantidas em segredo nos cadernos de poesia desses jovens.

Através da exposição de suas palavras-poéticas, muitos jovens que caminhavam por vias de invisibilidade puderam encontrar no sarau um local possível de existência e reconhecimento – e este tema da invisibilidade versus reconhecimento será discutido na seção 2 deste artigo, que discorre sobre as possibilidades de afirmação e reconhecimento da própria identidade/existência diante de um contexto social que insiste no apagamento de juventudes negras e periféricas.

1.2 Os saraus de poesias marginais

O Sarau de poesias marginais é um encontro de pessoas com o propósito de compartilharem suas manifestações artísticas diversas. Ele é associado à linguagem artística da poesia por causa de sua origem, mas foi sendo transformado com o tempo e não se restringe a essa única linguagem artística – também acontecem apresentações de música, canto, dança, performances teatrais, circenses e até exposições.

O termo “sarau”, no Brasil, remonta ao século XIX e dava nome aos eventos organizados em salões pela aristocracia da época, tradição trazida pela corte portuguesa, que foi tomando suas próprias formas no seio brasileiro. Esses eventos eram restritos à participação das pessoas que faziam parte da elite que apresentavam suas poesias e músicas eruditas daquela época. Artistas conhecidos frequentavam os saraus e a elite apreciava (Oliveira, 2020).

Por volta dos anos 2000, os saraus de poesia parecem ter tomado forma novamente, protagonizados, contudo, por um público e em um contexto muito diferentes de sua manifestação original. Os saraus passaram a abranger uma ampla diversidade de público, mas sendo protagonizados por juventudes negras e/ou periféricas. As juventudes de grupos, movimentos e coletivos juvenis balizavam sua inserção na realidade ditando suas próprias regras, criando espaços que dialogam com a expressão genuína daquilo que são e com o que se identificam.

Os saraus aristocráticos foram subvertidos por poetas oriundos de periferias (inicialmente em São Paulo, com o sarau Cooperifa) para denominar o que hoje conhecemos como Sarau Marginal, espaço de difusão de poesias e produções artísticas realizadas por poetas e artistas que permaneciam de fora dos ambientes de propagação, circulação e consumo de artes em grande escala, por isso, marginais (aqueles que permanecem à margem desses espaços) (Sepúlveda, 2017). Nesse movimento de “apropriação”, as juventudes que davam vida a esse novo formato de saraus de poesia subverteram a proposta original, que era mais elitista e restrita, para transformá-lo em um espaço



aberto ao público, irrestrito, convidando artistas que permaneciam nas margens a manifestar sua palavra poética naqueles encontros.

O uso da palavra marginal, enquanto condição associada ao ser poeta, é uma escolha que caminha no sentido de afirmação de uma identidade, que por vezes é estigmatizada nas relações que as juventudes negras e periféricas estabelecem com o mundo. O poeta marginal Vitin demonstra como o conceito de marginal pode encontrar novos sentidos, não só para o poeta que o encarna, como também sob olhares pré-conceituosos:

Eu acho muito doido a palavra, a frase “poesia marginal”, porque tipo assim a gente tá incluso nesse meio desse trem, e tipo, no meio de um tanto de gente que é tudo errado a gente faz uma parada aqui que é da hora! E até alguém descobrir que a gente faz uma parada da hora, eles acham que a gente é os “todo errado”, que faz um tanto de coisa errada e não faz as coisa da hora. E aí, tipo assim, quando eu comecei a expressar a minha poesia lá na frente de todo mundo, quando eu comecei a puxar a parada do sarau e entrar de cabeça naquilo ali, eu vi que tipo até a visão de outras pessoas sobre mim mudaram (Vitin, entrevista individual, 13 mar. 2024).

Nesse movimento, um estigma racista preconceituoso (o “todo errado”) é confrontado pela imagem do jovem poeta e sua habilidade com as palavras, que passa a ser substituída por uma imagem de prestígio e reconhecimento no ambiente escolar: “comecei a me tornar uma pessoa influente” (Vitin, entrevista individual, 13 mar. 2024).

Os Saraus apresentam-se como espaços onde os usos da palavra, da voz e da expressividade juvenil não só eram reconhecidos, como também se tornaram ponto de partida para outras construções coletivas, seja no âmbito da arte, seja no âmbito do desenvolvimento de identidades juvenis ou consciência crítica perante a realidade que se vive (Sepúlveda, 2017). A participação de jovens em saraus perpassa um movimento de criação e expressão. A constituição desse espaço revela um ambiente em que juventudes expõem o seu eu, através da palavra falada, encenada, lida e/ou cantada. É um processo de criação, tanto no momento de sua performance, quanto no movimento da organização e execução do sarau.

E num cenário em que pessoas negras são incentivadas (explícita ou implicitamente) a ocultar ou maquiar traços e elementos de suas identidades raciais, acreditamos que “ser quem se é”, assumir sua identidade, sua autenticidade, pode ser considerado como um ato de enfrentamento e/ou afirmação diante da lógica colonial, que insiste em se impor. O jovem Vitin reflete, em seu relato, sobre como colocar seu corpo, suas letras e sua voz nos saraus de poesia o permitiram a revisitar e até mesmo reformular a percepção que ele tinha de si, quando contrastada com o olhar das outras pessoas:

Tipo assim, o que melhorou muito, tipo, muito mesmo, é porque principalmente quando eu vim para cá [no sarau], eu escondia muito quem eu era, tá ligado? [...] Eu sempre fui uma pessoa que me preocupava muito com que as outras pensavam, sabe? Mas aí quando eu vim para o sarau e comecei a escrever, as minhas letras são eu. Aí começou a quebrar uma coisa na outra, tipo, como você tá escrevendo isso daqui sendo que você viveu outra coisa, tá ligado? Então



o que mudou, mano, quando eu comecei a vir para cá é porque eu comecei a ser 100% eu, tá ligado? (Vitin, grupo de discussão, 14 dez. 2023, grifos nossos).

Quando essa palavra-poesia, no exercício de sua enunciação, confronta o jovem com sua própria subjetividade, ela o ajuda a conhecer mais sobre si próprio. No caso desses jovens poetas, o exercício da escrita precede o movimento da apresentação no saraú de poesias. Então, depois de se confrontar consigo mesmos, eles encontram no saraú uma possibilidade de se confrontarem com o público, conforme se apresentam por intermédio de sua palavra-poesia. Sendo a reação do público receptiva, podemos afirmar que a exposição de si foi positivamente reforçada, ao contrário dos processos de discriminação apresentados.

Nilma Gomes (2002, p. 39), analisando a identidade negra no Brasil, afirma que ela é construída nos processos sociais, culturais e históricos e a partir da relação com o outro – a partir do olhar desse outro, pois “um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade”. O olhar do outro faz com que Vitin volte seu olhar para si próprio, encorajando-o a ser “100% ele”: “o saraú fez eu ser uma pessoa que tava dentro de mim, fez eu mostrar para as pessoas algo que tava dentro de mim!” (Vitin, EI, 13 mar. 2024).

O movimento de saraus vem crescendo muito na capital e no estado de Minas Gerais. Camila Félix (2017) realizou uma cartografia dos saraus existentes em Belo Horizonte e região Metropolitana até o ano de 2016, que apontou a existência de 26 saraus atuantes na região, todos organizados e protagonizados por jovens.

É importante reafirmar que o movimento de saraus marginais de poesia renasce no contexto das periferias urbanas, protagonizado por jovens negros (pretos e pardos) e periféricos, e isso é uma característica fundamental para compreender seu funcionamento, suas temáticas, suas relações, efeitos e tudo aquilo que representa. Desde seu renascimento até os dias de hoje, os saraus de poesias marginais permanecem sendo protagonizados por esse grupo social, ainda que venha se expandindo, ampliando seus espaços de realização e pessoas envolvidas (participantes e espectadores).

2 Encantando a língua: a palavra como arma³

Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando

3 O título faz menção a uma frase de Nêgo Bispo, que diz “Temos que enfeitiçar a língua” (Santos, 2023, p. 4).



É porque não fomos colonizados
(Leiros *apud* Santos, 2023).

As pessoas são únicas, com personalidades, histórias e trajetórias diversas. As possibilidades da experiência humana, nesse sentido, são infinitas. E dentro do mar das infinitudes, nos chama atenção tudo aquilo que se repete. Mesmo que a repetição se dê de maneira diferente (até porque mesmo que sendo parecidas, nenhuma experiência é igual), as similaridades das vivências são elementos interessantes, que unem e aproximam as pessoas.

Durante a pesquisa de campo destacou-se uma repetição, em particular, que nos prendeu a atenção, especialmente pela identificação desse elemento, que será apresentado, em muitas outras vivências anteriores que envolviam a poesia e o RAP. Nos diversos momentos de escuta das palavras-poéticas enunciadas pelos jovens poetas, foi possível perceber uma certa frequência com que a poesia foi associada a um universo de significantes que se relacionavam com: armas, munição, atirar e atacar. A palavra poética que se arma, que se atira. Do que é que essa palavra anda se defendendo? Que riscos ela corre, já que a palavra-poesia tem se armado ao sair das bocas de poetas marginais diversos? Quais seriam seus alvos, para onde ela se atira? Ouvindo as palavras-poesias dos jovens poetas do Sarau da Firmina, algumas hipóteses foram levantadas e serão analisadas ao longo desta seção.

Em algum sarau do mês de maio de 2023, o jovem Arthur fez menção à palavra-poesia armada e, no diário de campo, as primeiras elaborações hipotéticas foram feitas sobre o tema:

Arthur começa sua apresentação contando que seu poema é sobre o caso de racismo vivenciado pelo jogador Vini Jr. O jovem chama a atenção das pessoas presentes para que o racismo não tenha visibilidade somente quando acontece entre pessoas famosas. Alguns trechos: “Vocês não se ofendem, tem que esperar passar na TV pra ver se entendem”; “trago representatividade do gueto pra vocês”; “*um tiro no verso e não em um preto*”. É muito comum os poetas marginais fazerem alusão à palavra como arma – arma de enfrentamento a vários problemas e desafios de ordem social (o racismo, a desigualdade...). Nesse movimento, fazem essa associação da arma “que produz, em prol da vida” e a arma que tira as vidas, geralmente da população negra, indígena, periférica (Diário de campo, 29 maio 2023, grifos nossos).

Arthur, um jovem negro e descendente de indígenas, discorre em sua poesia sobre o racismo a partir das situações vivenciadas pelo jogador de futebol Vini Jr. A poesia, nesse contexto, desponta como elemento que produz vida, em detrimento de outro elemento que ceifa vidas de pessoas pretas: “um tiro no verso e não em um preto”.

Mathias, em outra ocasião, também se arma com suas palavras: “Malditos esses povos, maldita essa era, governo de merda que segue a escravidão. Minha arma é minha caneta e não me falta munição” (Mathias, diário de campo, 05 set. 2023). Num país que escraviza, mesmo após a abolição, Mathias afirma que sua palavra, simbolizada por sua caneta, é a arma que o municia ao enfrentamento das situações de escravização.



Vitin, em uma de suas poesias, afirma que estava: “armado da cabeça aos pés do hip-hop” (Vitin, diário de campo, 26 jun. 2023). Ana Lúcia Souza (2009, p. 21-23) descreve que o movimento do *hip-hop*, desde que chegou ao Brasil, assume um caráter contestatório em suas manifestações artísticas, que partem da realidade concreta dos artistas que criticam e denunciam as injustiças vivenciadas, as violências que atravessam seus corpos, as invisibilidades pelas quais são submetidos. Nessa perspectiva, “armar-se do hip-hop”, pode representar a condição de enunciação da crítica, da denúncia e da transformação que o *rap*, enquanto linguagem do *hip-hop* proporciona não só a Vitin, como a juventudes diversas envolvidas com o movimento.

Se esses jovens, em sua maioria negros e moradores de bairros populares e periferias, vivenciam processos de violência que são denunciados em suas poesias, compreendemos que a palavra que denuncia tem motivos incontáveis para se armar, num movimento que parece ir em busca da autodefesa. E é nesse cenário de violências concretas e violações de direitos que a palavras-poesia rompe as barreiras da metáfora para se materializar na concretude da realidade. A poesia, nesse sentido, deixa de “se atirar” apenas simbolicamente, para também “se atirar” contra os processos de violência, emergindo, agora concretamente, como uma possibilidade de produção de vida, ao invés da produção da morte:

Porque lá [onde Mathias morava] eu tinha dois caminhos: ou trocava o dedo na caneta ou trocava no gatilho. Graças a Deus eu só fui pegar uma arma depois dos 15, mesmo assim foi num clube de tiro, uma experiência foda, mas é isso, basicamente isso: eu troquei uma arma pela poesia (Mathias, grupo de discussão, 14 dez. 2023).

E na periferia eu acho que [a poesia] é uma fórmula do jovem fugir da realidade, porque a realidade do jovem da periferia é o tempo todo tá correndo... Então, tipo assim, tem uma arma na mão e decidir se vai atirar com ela ou se vai atirar com palavras, sabe? [...] Então entre uma faca e uma caneta, eu acho que o jovem pode escolher uma caneta, se ele tiver aquela opção, se ele tiver aquela escolha, se o sarau chegou nela e ela tiver acesso, acho que pode ser a salvação. E lá na frente, ele pode se dar bem (Anna, entrevista individual, 07 mar. 2024).

Hoje escolhi ser traficante, só que de informação (Vitin, diário de campo, 29 maio 2023).

O envolvimento com a poesia se colocou na vida de Vitin, Mathias e tantos outros possíveis jovens negros e periféricos, como mencionado por Anna, enquanto possibilidade de reflexão e autopercepção que podem os conduzir ao confronto com as realidades em que vivem. Isso nos leva a pensar que ainda que existem (e continuarão existindo) possibilidades de envolvimento com caminhos como o do tráfico, mas que de alguma forma a poesia se interpelou nesse caminho, produzindo sentidos, conexões e relações que possivelmente os permitiram um olhar crítico sobre si e sua condição de jovens negros e periféricos no mundo. E se esse envolvimento sujeita os jovens a um risco maior de exposição a violências e morte, o encontro com caminhos, que produzam sentido e proporcionem um lugar de pertencimento e reconhecimento, pode ampliar as possibilidades de simbolização de suas realidades, para além do que está (supostamente) dado.

Seria então a palavra-poética tão potente? O que faz com que ela produza tantas reverberações em níveis individuais, subjetivos, coletivos e sociais? O jovem Marquin afirma, em um de seus versos, que: “as fardas têm medo dessas frases” (Marquin, diário de campo, 05 set. 2023). O que faz com que as frases contidas nas palavras-poesias desses jovens produzam temor até mesmo nos homens fardados, que deveriam representar a manutenção da segurança?

Vitin, ao refletir sobre as tentativas de censura ao Sarau da Firmina na escola, afirmou: “Se tem alguém falando que é ruim, quer dizer que você tá fazendo uma parada grande, mano, tá ligado? [...] Parece que quanto maior for, mais gente vai ter contra” (Vitin, entrevisa individual, 13 mar. 2024). Foucault (2014, p. 10), em uma reflexão que dialoga com a percepção de Vitin, afirma que: “as interdições que atingem [o discurso] revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”.

Nesse ponto, compreendemos a palavra, na dimensão do discurso, como um instrumento de poder. E neste ponto, cabe ressaltar – a palavra-poética também é discurso. E no caso do contexto brasileiro, precisamos localizá-la na história, para que seja possível encontrar caminhos ante os questionamentos feitos ao longo desta seção. O que faz a palavra ser temida pelas fardas? Por que tantas tentativas de controlá-la, censurá-la, interditá-la?

Ana Lúcia Souza (2009, p. 36), citando Barros (2005), descreve o contexto da escravidão do Brasil, em que a população negra escravizada era proibida de se matricular nas escolas e, consequentemente, serem alfabetizadas, com a alegação de que existia o perigo de “derramar a instrução pela classe escrava”, aumentando o risco das populações negras se rebelarem, ‘desobedecerem’. Em sua análise dos discursos, Foucault (2014, p. 47-48) reconhece essa possibilidade, ao identificar um “medo do discurso” na sociedade, pois os enunciados podem suscitar acontecimentos diversos, que ameaçam a continuidade e a ordem.

O Sarau da Firmina, logo no momento de sua constituição, também foi alvo de censura e tentativas de impedimento de sua realização pelo então diretor (2016). Registrei no caderno de campo um trecho de uma conversa com João Paiva, professor idealizador do sarau:

João disse que tinha embates constantes e diários com o diretor da época. Que ele era muito contra o Sarau, e que era, literalmente, uma luta para conseguir fazer acontecer. O diretor saiu porque as/os professores se organizaram para retirá-lo (no momento da votação), pois ele era difícil também em outros aspectos. Quando eu comentei sobre o caso que uma aluna me contou de poesias censuradas, ele me contou que o ex-diretor censurou também sua poesia “Devagar, escola⁴!” A gente comenta sobre o absurdo e a ironia que é censurar a poesia talvez mais necessária no ambiente escolar, e João conta que recebe convites recorrentes para recitar essa poesia em espaços educacionais, seminários, palestras, etc. E ela foi censurada na escola em que ele trabalha (Diário de campo, 05 set. 2023).

⁴ Essa é uma poesia famosa de João Paiva e que foi uma das que o consolidou como poeta internacional e muito conhecido na cena da poesia marginal. É uma poesia que trata do tema da escola, sob a ótica de um professor e ex-aluno preocupado com as transformações da instituição ao longo dos anos e com os impactos dessas mudanças na educação e no aprendizado dos alunos.

O ponto central é: quem tem medo dos discursos? Por que uma poesia que discorre sobre os desafios atuais da educação pública foi censurada pela direção? Nos parece óbvio que só teme a liberdade do discurso aqueles que o detém pelas vias da dominação e/ou da imposição de um pensamento hegemônico, ou aqueles que reproduzem estes discursos hegemônicos.

Se, por um lado, no período da escravidão as populações negras não podiam frequentar as escolas, por outro, quando foram permitidas, além de encontrarem dificuldades de permanência (Souza, 2009), deparavam-se com um modelo escolar que tentava, a todo custo, padronizá-las, normatizá-las nos moldes da cultura europeia, isto é, da cultura do colonizador. “Em outras palavras, a educação escolar, porque gestada a partir de um padrão moderno/colonial de sociedade, orientou-se pela representação subalterna dos ‘outros’, categoria em que estão localizadas as pessoas pobres a que atende amplamente nos dias de hoje” (Ramalho, 2019, p. 123-124). Vitin comenta sobre os estigmas que são associados a ele na escola e reconhece que a imagem que se cria a partir de um pré-conceito não necessariamente condiz com a realidade do que se é e do que se vive:

Por que que o aluno do fundão é o cara que sempre é o criminalizado? Por que que o aluno do fundão é sempre o cara que é o pior?” Às vezes eu, que sou aluno do fundão, eu não presto tanta atenção quanto o aluno que tá na frente, só que o meu diálogo é muito melhor do que o dela. [...] Porque não tem a ver com como eu me comporto numa sala de aula, tem a ver com o potencial que eu tenho dentro de mim! (Vitin, entrevista individual, 13 mar. 2024).

A imposição de uma cultura hegemônica (europeia), praticada por diversas formas, inclusive através da educação escolar, se desdobra na constituição de um país em que o racismo, o elitismo e a meritocracia são alicerces fundantes e estratégias de dominação. E as pessoas negras, indígenas e pobres que não se enquadram ou não se aproximam dos padrões ideais (à imagem e semelhança do colonizador) têm suas existências, culturas, costumes e identidades submetidos à uma sujeição eterna ao Outro, numa direção que as inferioriza.

A dominação é uma prática de adestramento, dizia Nêgo Bispo (Santos, 2023). Ele conta que aprendeu sobre a dominação, no momento em que começou a adestrar bois.

Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Santos, 2023, p. 2).

As estratégias de dominação e adestramento utilizadas nos processos de colonização perpassam pela imposição de uma cultura em detrimento de outra – uma denominação, disse Nêgo Bispo (Santos, 2023). E se uma das estratégias utilizadas no Brasil é a educação escolar colonial, observamos a imposição de uma cultura letrada, nos termos da língua formal utilizada na cultura dos países colonizadores. É uma normatização da palavra de povos originários, escravizados e/ou colonizados, que carregam o traço da oralidade em suas culturas originais (Souza, 2009). Ao mesmo

tempo, “é em meio a esse cenário (final do século XIX e início do século XX) que a educação e a escrita escolar ganham centralidade reafirmadas em sua função social e histórica de dotar de prestígio e autoridade quem delas possa fazer uso” (Kleiman; Rojo *apud* Souza, 2009, p. 35).

Assim sendo, a língua imposta às populações escravizadas/colonizadas, além de exigir rituais específicos no ato de sua comunicação (Foucault, 2014), também associa uma posição de prestígio, valor social e legitimidade à sua utilização. As populações que foram escravizadas e seus descendentes se deparam com a obrigatoriedade de aprenderem uma língua/cultura que se distancia de sua língua/cultura original para serem reconhecidas socialmente (Souza, 2009) e encontram obstáculos ao buscarem esse aprendizado pela via da cultura escolar (Ramalho, 2019), vivenciando, nesse processo, uma lógica perversa de “aniquilamento do Outro”. Nessa lógica, de um lado, exige-se uma adequação; de outro, dificultam-se as condições de acesso; e por fim, punem-se as pessoas através de atos discriminatórios, por não conseguirem “ser como eles, falar como eles”. Sobre a lógica de aniquilamento do Outro, cuja tática principal é a supressão ou padronização de identidades no ambiente escolar, Vitin disse:

O problema é que a gente liga muitas coisas da escola com algo que vai distorcer aquilo que a gente é, e não é assim que funciona! [...] O problema é que, tipo assim, a gente faz as paradas da escola, e a gente esquece quem que a gente é. A gente só faz o que tem que fazer. É que a gente segue um padrão! Tipo, aquela pessoa que foi lá na frente apresentar e eu tenho que ser igual a ela. [...] É o padrão que a gente cria na nossa mente, só que não é assim que funciona. [...] Isso que eu falei é uma parada que a gente tem que pensar, por que que eu tenho que deixar de ser eu pra apresentar trabalho? A gente tem que ter a nossa identidade! E no Sarau a gente aprende isso! (Vitin, entrevista individual, 13 mar. 2024).

Em um ambiente que padroniza, os espaços educativos, em que as identidades individuais são valorizadas e legitimadas, são essenciais para o enfrentamento das lógicas escolares massificantes. Espaços como o Sarau da Firmina possibilitam que as singularidades juvenis floresçam, num movimento que segue o ritmo individual de cada pessoa.

Assim, compreendemos a centralidade que a linguagem, o discurso, o idioma, a comunicação e as formas com que os discursos são produzidos e difundidos assumem nas relações sociais e históricas e são submetidas às lógicas de poder, autoridade e dominação. Ao enxergar por essa ótica, nos aproximamos ainda mais dos sentidos atribuídos à palavra como arma, já que falamos de um cenário de históricas e constantes disputas, no qual as pessoas negras, indígenas e periféricas se mantêm como alvos principais.

Nêgo Bispo (2023) - um homem negro, nordestino e quilombola, em toda sua sabedoria proveniente das relações com a terra, com a comunidade e com a oralidade, depois de perceber as táticas de adestramento e denominações utilizadas pelo colonizador - constatou:

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos



denominar também. [...] A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecer-las (Santos, 2023, p. 3).

Aí está. A palavra como arma, também nomeada pelos jovens poetas. Na “guerra das denominações” (Santos, 2023), as palavras são as armas; e a contradição, o confronto, a recusa, a reinvenção, são as estratégias de combate. E de que maneira a palavra-colonizadora pode, então, ser confrontada? Através das práticas de subversão da língua.

Em um contexto similar, hooks (2017) nos convida a pensar a linguagem sob a perspectiva dos processos de colonização estadunidenses, pelos quais os povos escravizados foram obrigados a adotar a língua do colonizador em detrimento de sua língua materna. A imposição de uma língua, em determinado ponto da história, é apropriada por pessoas africanas escravizadas e utilizada como “ponto de encontro”, por ser o elemento comum que possibilitou a comunicação com outros povos também escravizados. A partir daí, a população negra não somente se apropria da língua que outrora foi utilizada como instrumento de dominação, como a subverte, transformando o inglês tradicional em uma linguagem preenchida por elementos das culturas negras (dialetos, palavras, modos de falar e expressar próprios de suas culturas originais). Os desdobramentos dessa subversão da linguagem podem ser encontrados nas diversas manifestações culturais orais nos movimentos da afrodiáspora, como no caso do *rap*. Aqui, no contexto da escola e do saraú, a palavra ousa ser encarada assim como nos apresenta bell hooks (2017) e Nêgo Bispo (Santos, 2023), ou seja, como um elemento ambivalente, que tanto pode ser impositivo e colonizador, como pode ser transgressor e transformador.

Da mesma maneira, Lélia Gonzalez (1984) nos convida a pensar a cultura brasileira a partir da herança compartilhada através da educação da mãe preta – o ensino da linguagem, o “pretuguês”. A língua, elemento central de transmissão de valores, de aprendizagem e de aquisição de toda uma cultura, é o primeiro elo que a mãe transmite aos filhos (sejam saídos de seu útero, sejam de criação, isto é, filhos de colonos brancos). O português, língua imposta pelo colonizador, ganha novos sentidos e significantes quando é transmitido pela mãe, que carrega culturas e ancestralidades outras que se misturam ao português do colono, criando algo novo, carregado de simbolismos da cultura negra – o pretuguês (Gonzalez, 1984).

Ana Lúcia Souza (2009, p. 37) também apresenta as possibilidades de subversão da linguagem ao demonstrar como a deslegitimação da palavra oral africana e o confronto com a língua europeia desencadearam processos de rupturas, confrontos e regulações para o uso da palavra oral e escrita, fazendo com que essa palavra seguisse sendo proferida, ainda que na clandestinidade. As rupturas, os confrontos, as regulações e as associados à junção e trocas entre culturas diversas são fatores que propiciam o surgimento do *hip-hop* e do *rap*.

Nesse movimento, e por reconhecer seu papel educador, Ana Lúcia Souza (2009, p. 37) evidencia o movimento do *hip-hop* como uma agência de letramento. É nesse contexto que a autora



aciona o conceito de “letramentos de reexistência”, na medida em que demonstra que a cultura de povos escravizados e marginalizados segue existindo, apesar das transformações, e que precisa seguir resistindo por intermédio da “reinvenção do uso social da linguagem”, como no caso das manifestações do *hip-hop* (Souza, 2009, p. 31-32).

Os exemplos de subversão da palavra demonstram como a oralidade, ainda que continuamente atacada pelo colonizador, ou, em sua atualização, pela cultura hegemônica, segue “reexistindo” em roupagens diversas que são fruto, também, dos processos de miscigenação de trocas culturais entre povos diversos. É nesse contexto que localizamos as palavras-poemas dos jovens interlocutores da pesquisa. Jovens que, apesar dos contextos por vezes desencorajadores, insistem em proferir suas palavras marginais no mundo.

Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. Enchem a língua como quem enche uma linguiça. E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua (Santos, 2023, p. 4).

Assim como nos demonstra bell hooks (2017), Ana Lúcia Souza (2009) e Nêgo Bispo (Santos, 2009), culturas como o *rap* e a poesia marginal nos oferecem elementos para compreender as diferentes possibilidades dos usos da palavra – essa palavra que corre na boca das juventudes negras e periféricas, a palavra como expressão, a palavra como produção, a palavra que conduz inscrição e legitimação de si no mundo. Afinal de contas, “enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles, se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser” (Freire, 1987, p. 25).

Nesse movimento de busca pelo direito de ser, os jovens poetas estabelecem uma relação positiva do ambiente do sarau com a descoberta de si e com a afirmação da própria identidade:

Tipo assim, eu acredito que o sarau é uma parada que faz você mostrar aquilo que você sabe fazer. [...] E é isso que eu entendi do sarau! [...] Você nasceu para fazer alguma coisa e eu acredito que o sarau é uma forma de mostrar o que você sabe fazer. [...] Eu vejo que no sarau a gente tem o objetivo de trazer aquilo que está escondido. Tem coisa dentro de nós que a gente nem conhece, tá ligado? (Vitin, entrevista individual, 13 mar. 2024).

A escola sabe [que eu sou poeta]. Antes de eu me apresentar no sarau, ninguém sabia, mas agora, quando eu vou na escola, toda vez que eu passo na porta da sala, o pessoal já pergunta se é o sarau, isso eu acho muito legal. É uma identidade que fica. [...] Eu acho muito legal isso, o pessoal descobre que você é poeta, gosta dos seus textos, tem vez que as pessoas sentam do seu lado só para você falar alguma coisa pra pessoa, rola direto. [...] Eu acho muito legal isso, sabe? A pessoa reconhecer você por isso, acho muito bom (Arthur, entrevista individual, 14 mar. 2024).

Numa guerra em que a linguagem é alvo de disputas, a palavra se constitui como verbo imperativo – indica autoridade, produz transformações, submete outrem à obediência de ordens proferidas, seja por intermédio dos discursos dominantes, seja pelas normatizações, seja pelas



regulações ao modo de se dizer a palavra. Uma palavra de ordem que, quando desconsidera a diversidade das possibilidades humanas, coloniza, adestra e silencia. Mas a ordem dada, não necessariamente implica em ordem cumprida. A recusa em dizer a palavra colonizadora, da forma com que ela é exigida, é uma forma de resistir diante da imposição. Utilizamos diferentes denominações para discorrer sobre o exercício da desobediência: “reinventar a linguagem” (Souza, 2009), “enfeitiçar a língua” (Santos, 2023), “pretuguês” (Gonzalez, 1984), “letramentos de reexistência” (Souza, 2009), poesia marginal e suas palavras-juvenis armadas.

Nesse ponto, localizamos o ato discursivo como metáfora da própria existência. Paulo Freire (1987) afirmou e reafirmou a necessidade de as pessoas dizerem suas próprias palavras, acreditando que esse ato tem o potencial de modificar o mundo: “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens [e mulheres] transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (Freire, 1987, p. 44-45).

É preciso falar, para poder existir. E é preciso que a palavra proferida seja ouvida, para que a existência seja devidamente considerada. A produção da própria palavra, seja ela escrita ou oral, remete ao movimento de busca e afirmação de si. As experiências dos jovens interlocutores evidenciam essa busca através da enunciação de suas palavras-poesias no sarau marginal/escolar.

Além do “start” de você perder aquele medo de recitar e de apresentar o que você quer, igual o Arthur falou, você perde a vergonha de tudo... Você começa a ser mais tranquilo para falar, fazer, se expressar. Você se torna uma poesia, tipo, no seu dia a dia, porque aí você não sente mais medo do que os outros vão pensar ou o que eles vão achar. Você faz o que você quer, aí a partir desse momento que você entende que a vida, a sua felicidade depende de você. [...] É autoconfiança... (Marquin, grupo de discussão, 14 dez. 2023).

Então, eu chego no Sarau, eu coloco meu texto pra fora, eu coloco o meu sentimento pra fora, é como se fosse uma parte de mim falada. E aí quando as pessoas estão ali, eu tô compartilhando segredos meus com ela, é como se a gente dividisse o peso da palavra, um com o outro. Então quando tá no sarau, você se sente mais livre [...] (Anna, entrevista individual, 07 mar. 2024).

Conceição Evaristo (2020, p. 35) afirma que escreve numa tentativa de “se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. [...] Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha”. Audre Lorde (2019, p. 45) anuncia que, “para mulheres, então, [...] é uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual predizemos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e à mudança, primeiro feita em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tocável”. Glória Anzaldúa (2000), ao se questionar por que escreve, declara:

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre



alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000. p. 232).

Escrever, portanto, é se inscrever. Dizer é se afirmar. E ter a oportunidade de ser ouvido é ser reconhecido. Se a realidade histórica na qual se está inserida produz mecanismos de desterritorialização e invisibilização, a força das palavras reside na insistência em se fazer ser ouvida. Assim, jovens poetas negros e periféricos que andam armados com suas palavras-poesias, estão tecendo um movimento de “reterritorialização de si”, fazendo uma analogia à discussão de desterritorialização proposta por Nêgo Bispo (Santos, 2023). É uma estratégia de autodefesa para que a palavra-autêntica não se perca no emaranhado de palavras-cópias, tão comuns no cotidiano escolar. Dizer a própria palavra (Freire, 1987) é fazer com que suas histórias sejam ecoadas, por mais que o mundo tente silenciá-las.

3 Considerações Finais

Neste artigo, observamos como a palavra, num mundo marcado pelas disputas de narrativas e de histórias que se constroem a partir de um jogo de forças entre a imposição de discursos hegemônicos e a resistência das narrativas contra-hegemônicas, vai muito além da mera junção de letras e sílabas. A palavra, quando compreendida em toda sua complexidade, atinge o lugar de fio condutor de processos que moldam a organização de pessoas no mundo, mantendo uma afinidade com as estruturas de poder que sustentam sociedades diversas.

Partindo desta análise, compreendemos a importância de nos aproximarmos das narrativas que ousam ir na lógica contrária da imposição histórica de discursos hegemônicos, pois estas nos ensinam, cotidianamente, como podemos manter a autenticidade e afirmar as existências que as lógicas hegemônicas insistem por invisibilizar. As formas como essas narrativas se difundem e se manifestam são tão diversas como a própria diversidade da condição humana. Nesse sentido, concluímos que a poesia marginal entoada em alto e bom som por juventudes negras e periféricas é mais uma dessas práticas, que apontam para possibilidades de existência nos ambientes mais hostis e limitadores.

Num cenário em que jovens negros e periféricos têm suas experiências escolares inferiorizadas e/ou estigmatizadas (Gomes, 2002), assim como acontece nas demais experiências vivenciadas fora dos muros das escolas, a produção das palavras-poéticas juvenis têm o potencial de irromper silêncios impostos por gerações, num movimento que parte primeiro de uma afirmação individual de si e se expande para o externo, para o coletivo, para o mundo, e se conecta, neste movimento, com outras palavras-poéticas, tecendo uma forte liga que se impõe contra a normatização das palavras-autênticas.



Enxergamos também, na manifestação de uma cultura juvenil negra e periférica na escola (o sarau de poesias marginais), uma prática que produz “letramentos de reexistência”, conforme nos aponta Ana Lúcia Souza (2009), por conseguir confrontar práticas estigmatizantes direcionadas à cultura destes grupos sociais, reafirmando seus discursos em sua autenticidade e capacidade crítica.

A partir dessas conclusões, consideramos que a produção da palavra-poética de jovens estudantes negros e/ou periféricos produz efeitos significativos em suas vidas, que vão além de aprendizados relacionados à escrita, leitura e oralidade, sejam no sarau de poesias marginal ou nas escolas. Os efeitos se ampliam à produção de sentidos de vida e de afirmação de si assim como se configuram como prática social ao possibilitarem a inscrição desses jovens na sociedade, a partir de suas palavras poéticas - sociedade essa a serviço das lógicas discursivas hegemônicas que regulam a palavra de pessoas marginalizadas no Brasil e no mundo.



Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, Florianópolis, n. 8, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 14 out. 2025.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea/FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/6554d2f4-fd60-411a-ac4c-997f39034914>. Acesso em: 14 out. 2025.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FELIX, Camila. *Atlas dos Saraus da RMBH*. Belo Horizonte: Crivo Editorial, 2018.
- FOCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 17a. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 9, 2002, p. 38–47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 14 out. 2025.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, São Paulo, 1984, p. 223-244. Disponível em: <https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.
- hooks, bell. A língua: Ensinando novos mundos/novas palavras. In: hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017. 283p.
- IBGE - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílio. *PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Rio de Janeiro: Educação 2023 / IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102068>. Acesso em: 14 out. 2025.
- LORDE, Audre. Poesia não é um luxo. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*: ensaios e conferências. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- OLIVEIRA, Lucas Amaral. Sociogênese possível dos saraus: uma história de rupturas na cultura brasileira. *Revista Sociedade e Cultura*, Goiânia, 2020, v. 23. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/62830>. Acesso em: 14 out. 2025.
- QUIJANO, Aníbal. Notas sobre el concepto de marginalidad social. *CEPAL: Estudios e Investigaciones*, Santiago, [196-?] . Disponível em: <https://hdl.handle.net/11362/33553>. Acesso em: 14 out. 2025.
- RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira. *A escola dos que (não) são: concepções e práticas de uma educação (anti)colonial*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/32782>. Acesso em: 14 out. 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. Semear as palavras. In: SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; Piseagrama , 2023.



SEPÚLVEDA, Lucas Oliveira. *A PALAVRA É SUA! Os Jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte.* Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQQK7A>. Acesso em: 14 out. 2025.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop.* Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/769115>. Acesso em: 14 out. 2025.



Biografia acadêmica

Natana Coelho - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: psicologia.natana@gmail.com.

Financiamento

Não se aplica

Aprovação em comitê de ética

O artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse declarado

Contexto da pesquisa

O artigo é originado da dissertação: COELHO, Natana Ester Silva. “A POESIA É UM VERTER QUE MOVE O CAMINHAR”: experiências de jovens estudantes com a poesia marginal no sarau e na escola. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/8d1307e9-dd13-49f6-896e-865b31d8bb28>. Acesso em: 06 out. 2025.

Direitos autorais

Natana Coelho

Contribuição de autoria (CRediT)

Não se aplica

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>



Modalidade de avaliação

Avaliação Simples Cego

Editores responsáveis

Altemar Di Monteiro
Anderson Feliciano

Histórico de avaliação

Data de submissão: 09 jul. 2025
Data de aprovação: 04 set. 2025